

## Fidelino de Figueiredo, conferencista do Real Gabinete Português de Leitura

ANTÔNIO SOARES AMORA  
Da Universidade de São Paulo

Não se pode entender a evolução, no Brasil, do conhecimento da cultura portuguesa, sem saber o que tem sido a ação, nestes últimos cento e cinquenta anos, do Real Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro. É que essa prestigiosa instituição, desde sua fundação em 1837, através de cursos, de conferências e sobretudo de sua biblioteca, com um crescente e precioso acervo de documentos e obras, tem-nos propiciado farta informação e abundantes meios de pesquisa acerca da cultura e, particularmente, da literatura portuguesa.

Ao ensejo das comemorações do sesquicentenário do nosso prestimoso Gabinete, também não podemos deixar de ter presente que em sua austera e bela sala de atos falaram, ao longo deste último século e meio, notáveis conferencistas, dentre os quais quero destacar Fidelino de Figueiredo, que ali proferiu, em 1920, uma brilhante conferência acerca das *Cartas de amor* da conhecida religiosa portuguesa do século XVII, Madre Mariana Alcoforado, e ali foi recebido, em 1938, quando de sua passagem pelo Rio, com destino a São Paulo, em cuja recém-criada Universidade lecionaria.

Fidelino de Figueiredo, prestigiado crítico e intelectual português, de nome internacional, nasceu em Lisboa, em 1889, e em Lisboa fez seus estudos básicos e superiores, formando-se na Faculdade de Letras, em 1910. Em Faro, no Algarve, iniciou sua carreira de professor liceal, mas logo transferido para Lisboa, foi aí que mais tempo exerceu sua atividade docente, no ensino secundário, e foi aí que começou a impor-se como crítico e historiador da literatura portuguesa. São desta fase, que começou em 1910 e terminou em 1928, a *História da crítica literária em Portugal*, *A crítica literária como ciência*, a *Histó-*

ria da literatura clássica, a *História da literatura romântica*, a *História da literatura realista*, vários artigos de crítica e de idéias, e ainda a direção de sua conhecida *Revista de História*. Exilado em 1927, por motivos políticos, viveu, a partir de então até 1951, sua vida de professor universitário, na Espanha, nos Estados Unidos e mais longamente no Brasil, onde chegou, como disse, em 1938. A esta fase de sua vida corresponderam, a par de uma intensa e influente ação universitária, como ocorreu no Brasil, particularmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, uma atividade de especialista em literatura ainda mais importante que a anterior, porque consistiu na revisão, na atualização e na definitiva reformulação de suas idéias acerca da crítica, da historiografia e da teoria literária (vejam-se suas obras *Aristarchos* e *A luta pela expressão*) e também porque foi nesta fase que escreveu suas mais importantes obras de crítica (leia-se seu estudo sobre Antero) e de historiografia literária (leia-se seu importante trabalho, *A épica portuguesa no século XVI*). Atingido em 1951 por incurável distúrbio neurovascular, voltou a Lisboa, onde em três lustros, apesar de progressivamente tolhido da fala e dos movimentos, ainda conseguiu escrever notável obra de pensamento existencial, iniciada com o volume *Um colecionador de angústias* e concluída com um oitavo volume, *Paixão e ressurreição do homem*, publicado dias antes de sua morte, em 1967.

Quando Fidelino de Figueiredo começou suas atividades na Universidade de São Paulo, em 1938, o ensino da literatura no Brasil limitava-se ao curso pré-universitário, iniciado entre nós três anos antes, e onde, nos seus dois anos letivos, três aulas por semana eram dedicadas à história de todas as literaturas antigas e modernas, inclusive, naturalmente, as literaturas portuguesa e brasileira. Fiz esse curso, nele lecionei e posso dizer que mais ambicioso e falacioso não poderia ter sido em seus objetivos, que eram levar o estudante pré-universitário a conhecer todas as literaturas do mundo, e nem mais impiedosa, está-se a ver, a sobrecarga imposta à memória dos alunos. Em seguida a esse curso básico, um estudante interessado num curso superior de literatura poderia fazê-lo ingressando no curso de Letras da recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, e aí, a par das literaturas clássicas e das chamadas estrangeiras, podia fazer seu curso de literatura luso-brasileira, como então eram designadas e compreendidas as nossas principais literaturas de expressão portuguesa. Diante desta situação, Fidelino de Figueiredo procurou, desde logo, com seu tato político, mas ao mesmo tempo com sua obstinação, exercer uma ação corretiva no que ainda era um incipiente ensino da literatura: primeiramente propôs, no curso de Letras da USP, a imediata separação do ensino das literaturas vernáculas, e, assim, nasceram no Brasil, em nível superior, os cursos de literatura brasileira e de literatura portuguesa, ficando à responsabilidade de um professor brasileiro o curso de nossa literatura; em seguida, no seu curso, contra a voça do ensino da história li-

terária, com seus equívocos, tão flagrante no curso pré-universitário, Fidelino de Figueiredo começou e acabou por impor, na Universidade de São Paulo, um ensino de literatura completamente diverso.

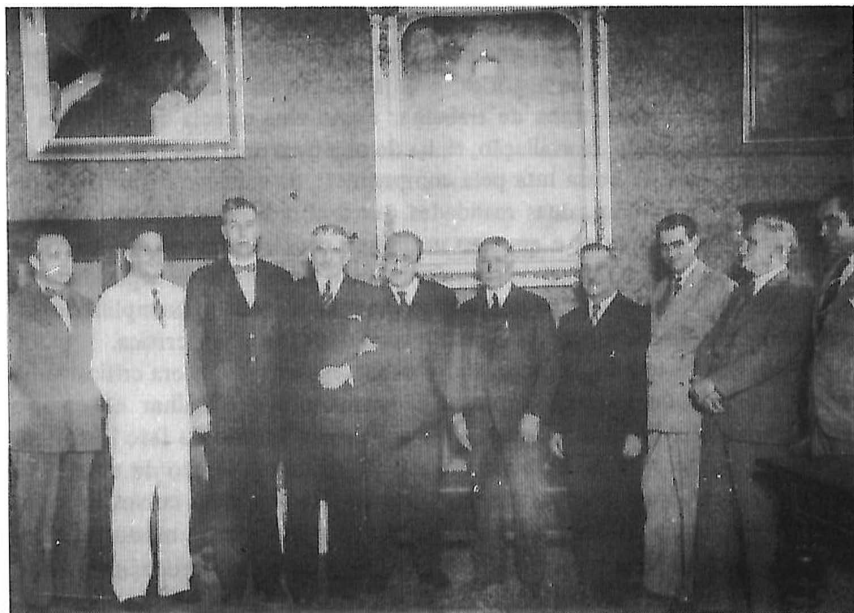
Em primeiro lugar, devíamos começar por aprender a ler uma obra literária, o que significava buscar compreender seu conteúdo, incorporando-o à nossa maneira de ver e sentir a realidade que aí se expressava, e, ao mesmo tempo, buscar compreender o valor comunicativo dos recursos de expressão achados pelo escritor. Garrett e Oliveira Martins foram os primeiros autores do nosso bê-á-bá de leitura de uma obra literária. Em segundo lugar, Fidelino de Figueiredo levou-nos à prática da crítica literária. Então (estávamos nos anos 30) exercia sobre nós grande influência uma abundante e prestigiosa crítica jornalística, praticada por um mordaz e espirituoso Agripino Grieco e por um austero e magistral Tristão de Athayde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima), para só falar dos mais assíduos na imprensa e mais lidos. Fidelino de Figueiredo fez-nos compreender que esta e outras manifestações da crítica impressionista poderiam chegar a válidas observações sobre o valor da obra criticada, mas era evidente que faltavam a essa crítica sistemáticos métodos de análise e interpretação da obra literária e um mais elevado critério de avaliação. Daí então passamos à prática de uma crítica que, num primeiro nível, o da pesquisa histórica, o da apuração do texto e o da análise e interpretação da obra, tinha de trabalhar como uma ciência da literatura e, num segundo nível, o da avaliação, tinha de objetivar uma superior direção de espírito em face de nossa luta pela compreensão da existência humana e do universo que a contém, duas realidades que a obra literária procura sempre expressar. Em suas aulas e em suas magistrais conferências sobre Antero de Quental, em 1942, Fidelino de Figueiredo, com extraordinária capacidade de ensino e insinuante poder de comunicação verbal e gestual, exemplificou suficientemente, ao seu crescente alunado, estas duas formas de crítica.

Tendo-nos levado a compreender o que era ler e o que era criticar uma obra, Fidelino de Figueiredo passou a ensinar-nos a trabalhar no campo da historiografia literária, e aqui, não apenas no sentido do fato histórico, mas também no sentido da interpretação desses fatos, dentro de uma visão geral e crítica de um ou mais aspectos da vida literária. Seus cursos introdutórios sobre as épocas da literatura portuguesa e sua notável monografia sobre a épica portuguesa do século XVI exemplificam esses procedimentos; e em quatro conferências proferidas em São Paulo, em 1939, publicadas no volume *Aristarchos*, indicou os métodos, os caminhos e as perspectivas da historiografia literária.

Finalmente, Fidelino de Figueiredo fez-nos compreender que era impossível estudar literatura e chegar a uma compreensão lúcida de todos seus fenômenos — como a obra, seus gêneros, suas formas ou estrutura, as épocas

históricas, etc. — se não fôssemos capazes de refletir sobre a essência desses fatos e suas relações. Impunha-se, portanto, o conhecimento da problemática geral da literatura, então denominada filosofia da literatura e, hoje, teoria da literatura. Suas idéias, neste campo de abstrações e especulações, em prestígio-moda nos anos 30, expôs Fidelino de Figueiredo em vários ensaios e conferências e, por fim, no livro já referido, *A luta pela expressão*, publicado em 1944 e, três anos depois, discutido pelo autor, na Universidade de São Paulo, no primeiro curso de pós-graduação em literatura portuguesa que se deu no Brasil.

À história do Real Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, estão ligados, como colaboradores, grandes nomes da literatura, das artes e do pensamento português. No momento em que comemoramos o sesquicentenário dessa honorável e prestígio-moda instituição é preciso recordar os nomes desses colaboradores, sua ação e sua obra, porque assim mais objetivamente podemos avaliar o que tem sido o Gabinete como centro de projeção, no Brasil, dos grandes valores da cultura espiritual portuguesa.



*Visita de Fidelino de Figueiredo ao Real Gabinete Português de Leitura, em 1938. Ao lado esquerdo do visitante (ao centro, de óculos) o Comendador Albino de Souza Cruz.*